

A FALA E O GESTO INCORPORADOS E ATRELADOS À VIDA VIVIDA

THE SPEECH AND THE GESTURE INCORPORATED AND LINKED TO THE LIVED LIFE

*Daniel Luporini de Faria*¹

Resumo: Como parte de um projeto abrangente acerca do universo simbólico de pacientes com esquizofrenia, este artigo, veiculado ao grupo de estudos em saúde mental (interfaces-UNICAMP) procura tratar das relações complexas entre fala e gesto, numa perspectiva de sujeito incorporado e situado no mundo vivido, dentro do contexto geral da metafísica do filósofo Merleau-Ponty. Neste sentido, além de efetuarmos uma breve exposição das ideias do filósofo acima citado, nos deteremos, especificamente, nos trabalhos de McNeill (1992, 2000), onde a autora problematiza as relações entre gestos e fala, num processo de co-coordenação da linguagem “jogada” no fluxo da vida vivida.

Palavras-Chave: Corpo. Fala. Gestos. Vida vivida; Referenciação.

Abstract: As part of a comprehensive project on the symbolic universe of patients with schizophrenia, this article, addressed to the group of studies on mental health (interfaces-UNICAMP), seeks to deal with the complex relations between speech and gesture, from a perspective of a subject incorporated and situated in the world lived within the general context of the metaphysics of the philosopher Merleau-Ponty. In this sense, in addition to giving a brief exposition of the ideas of the philosopher mentioned above, we will focus specifically on the work of McNeill (1992, 2000), where the author problematizes the relations between gestures and speech in a process of co-coordination of language in the flow of life lived.

Keywords: Body. Speaks. Gestures. Life Lived. Reference.

1. Introdução

Dada a complexidade do enraizamento do corpo vivido inserido no mundo, intersubjetivamente conectado com outros corpos e meio ambiente, dos quais emerge a língua e objetos do discurso enquanto práticas sociais e cognitivas ensejam reflexões extremamente complexas no que tange às teorias da percepção e relações entre o sensório e o motor e processos de significação e comunicação.

Tomando o corpo enquanto integralidade, observa-se que o *gesto* seria também efetuado por meio de movimentos corporais, em especial, da cabeça e dos braços, constituindo uma semiologia multifatorial, articuladas em formas fixas capazes de

¹ Mestre em Filosofia da Mente, Lógica e Epistemologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP-Marília. E-mail: luporinifaria@yahoo.com.br

expressar ideias, apresentando padrões gramaticais em línguas de sinais, bem como realizar descrições pantomímicas que exigem sobremaneira a *atenção* dos interactantes.

Tendo em vista a complexidade entre o linguístico e o extralinguístico, Norris (2006) coloca-se enquanto um referencial importante ao propor uma análise acerca do grau de atenção dos interactantes. Neste sentido, para a autora, a densidade modal seria considerada uma ação de alto nível ao estabelecer o grau de atenção de um interactante para os modos que vão emergindo na interação. Por meio da noção de *interação compartilhada (multiparty interaction)*, poder-se-ia constatar que a construção de um objeto de discurso em uma interação pode englobar graus diferentes de atenção dos interactantes devido aos seus engajamentos em determinados padrões comunicativos que podem ocorrer sincronicamente. A análise da referida autora seria calcada na multimodalidade da interação, que compreende 3 noções: 1) ação mediada; 2) densidade modal; e, finalmente, 3) pano de fundo contínuo da atenção/sensibilidade.

O fulcro das análises de Norris é o de que um interactante em interação constrói, simultaneamente, várias ações com os vários participantes, mas com níveis diferentes de atenção (NORRIS, 2006, p. 402). Nesse plano de análise, a *fala*, os *gestos*, o *olhar* e a *escrita* seriam *modalidades*. A ideia de ação mediada admite que falar uma língua seria uma ação social, entretanto, estabelece e distingue ações de nível inferior na interação, como a dicção e a gestualidade. Neste viés, a linguagem verbal não seria o modo dominante por não ser a única linguagem que tem a função de estruturar a interação, mas se constituiria em um sistema simbólico construído socioculturalmente, efetuando as ligações dos sentidos locais às práticas sociais.

Segundo Norris (2006), o modo da linguagem falada seria interligado, complexamente, a outras modalidades de fala, tais como a escrita, o olhar, os movimentos das mãos e a postura. Levando-se em conta essa interação para a formação da semântica corporal, percebe-se o papel fundamental que a cultura desempenha nessa constituição das nossas significações (RUTHROF, 2000). A rigor, pode-se dizer, na terminologia de Tomasello (2008), que o corpo sociohistórico e cultural seria *incorporado* nos esquemas linguísticos mediante percepções diferentes do mundo².

Estudos sobre o gestual, com efeito, englobariam as relações profundas de codependência semântica com a fala, constituindo-se num plano de análise interessante no que tange à busca de alternativas para esclarecer a relação entre fala e gesto. Nesta

² Vale conferir J. J. Gibson, em específico, sua noção de *affordance* (ajuste).

perspectiva, McNeill (1992, 2000) investiga também tais questões, chamando a atenção para os gestos que são produzidos durante a fala. Tais criações, espontâneas e individuais, seriam de ordem semântico-pragmáticas, bem como coexpressivas e compoririam uma espécie de unidade inextricável que teria por base um processo cognitivo comum.

Nesta seara, destacam-se, dentre os estudos etnometodológicos, os trabalhos de Mondada (2005; 2006; 2008) que, ao estudar o fenômeno da *referenciação*, debruçou-se também sobre a compreensão do processamento sociocognitivo como soma de recursos publicamente expressos, tais como práticas gestuais, movimentos espaciais, orientação do olhar, dentre outros recursos multimodais, que seriam mobilizados para realizar propriedades referenciais. Seus estudos partem da posição de que a maneira pela qual categorizamos o mundo e o reportamos ao discurso seria resultado de um labor extremamente complexo que envolveria a percepção, a negociação e várias outras estratégias de interações.

2. O corpo no mundo: Merleau-Ponty

De acordo com Merleau-Ponty (1971), os processos motores e o mundo sensível seriam partes totais de um único e mesmo Ser. Tal monismo materialista, a rigor, não admitiria um “mapa” cartesiano dos processos sensórios-motores e outro do mundo físico, de modo que os sentidos estariam imbricados nas coisas à sua volta, constituindo-se num *prolongamento* no corpo. Assim, para o filósofo, a “interioridade” dos processos mentais e o mundo físico não seriam uma reunião entre duas partes distintas ontologicamente, mas aspectos ou manifestações de um único Ser. Neste sentido, um corpo humano simplesmente estaria aí entre o vidente e visível, entre tateante e tocado, entre um olho e o outro, entre a mão e a mão, faz-se uma espécie de [re]cruzamento, quando se acende a centelha do senciante-sensível, quando esse fogo que não mais cessará de arder pega, até que tal acidente do corpo desfaça aquilo que nenhum acidente teria bastado para fazer.

Assim, epistemologicamente, um corpo poderia, a princípio, *incorporar* partes “extraídas” de outros corpos, sendo que o *falar*, a *interação* e o *compartilhamento de cultura e conhecimentos pelas diversas linguagens e línguas*, teriam um sentido a partir do corpo como uma espécie de entrecruzamento de uma inscrição histórico-cultural, que poderia manifestar-se no próprio corpo de um indivíduo qualquer, como que pela

particularidade da situação, com uma experiência sempre atualizada ocorrida no momento presente. Com isso, o corpo ontogenético e o corpo sociohistórico como que se entrecruzariam numa corporeidade una e só divisível analiticamente.

Neste sentido, Merleau-Ponty assume uma concepção de mente *corporificada*, na qual a cognição pode emergir em nossas ações e em nossas capacidades sensório-motoras como um todo. A *linguagem*, nessa ordem de razões, emerge enquanto um espaço e meio pelo qual a ação desenvolve-se, necessariamente, em coordenação com os outros interactantes. Ora, se assumirmos, cartesianamente, que a relação do homem com o mundo não se dá diretamente, devendo, ser de alguma forma mediada, interpretada, caberia, então, à linguagem este papel mediador. Contudo, como a linguagem se dá não apenas pelo sistema linguístico, como também pelo conjunto de condições que o constituem, cremos que deve-se pensar em diversos fatores que estão em jogo na mediação da língua com o exterior discursivo, tais como as propriedades biológicas e psíquicas de que somos dotados, bem como com as experiências socioculturais, os diferentes contextos linguísticos e cognitivos nos quais as significações são produzidas, “as regras de ordem pragmática que presidem a utilização da linguagem, a qualidade das interações humanas, etc. (MORATO, 1997, p. 26). Isto posto, subentende-se que isso implica uma mudança significativa na maneira de conceber as relações entre língua e mundo (*exterior discursivo*), sendo que seria muito confuso conceber os conteúdos cognitivos alijados da linguagem, ou possibilidade de linguagem fora de processos interativos humanos.

Tais constatações elaboradas acima se embasam não apenas no que pensava o segundo Wittgenstein³, mas sobremaneira na escola de psicologia soviética, que tinha em Vigotsky⁴ seu principal expoente. Nesta perspectiva, o esquema corporal seria o nosso próprio corpo e dois ou mais corpos encontrar-se-iam, em última análise, num mesmo corpo fenomênico. Já a fala, por sua vez, seria integralmente motricidade e cognição.

Sendo assim, pode-se dizer que as manifestações linguísticas não seriam redutíveis à unidade intercorpórea, tampouco versam a respeito da própria palavra, à fisionomia ou ao sentido imediato, de modo que seria impossível encontrar, em se tratando de processos linguísticos e cognitivos, algo que seja estritamente sensório-motor. O escrutínio da fala e da expressão fisionômica e gestual nos levam a crer que a

³ Wittgenstein (1993a, 1993b, 1996).

⁴ Cf. Vygotsky (1939).

natureza do corpo-próprio vivido é complexa, não sendo a mera reunião de partículas, quiçá o imbricamento de processos dos quais resultariam, em si mesma, um sentido que, a princípio, não poderia ser descrito por relações de causalidade.

Tendo isso em vista, na filosofia moderna⁵, admitia-se que a percepção era tão somente uma espécie de “ressonância”, na consciência, de uma excitação sensorial, de modo que, na falta de um estímulo proveniente dos sentidos, uma alucinação não era mais que uma espécie de autoexcitação do cérebro. Por outro lado, nesta concepção clássica de sujeito, o conhecimento de uma língua limitar-se-ia na disposição de certo número de padrões produzidos no cérebro, sendo que a consciência evocaria a imagem da palavra, e esta, se daria por um processo inverso ao que se supunha na percepção, desencadeando o influxo nervoso que, no âmbito do centro motor, originaria um ato motor, isto é, à fala. (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 63).

Deste modo, eu e os outros não seríamos duas substâncias distintas em interação, mas sim duas variáveis de um mesmo sistema que, “Por um mecanismo de projeção eu lhe atribuo qualidades que na realidade são minhas e, inversamente, por introjeção, considero como próprias, qualidades que são suas. (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 65).

3. Fala e gesto: McNeill

No que versa sobre as relações entre fala e gesto, existiriam várias concepções. Uma delas seria, por exemplo, quando os falantes produzem gestos espontaneamente e a gestualidade desempenha um papel funcional no processo de produção da fala, além de ser tipicamente utilizada para indicar ou representar objetos e ideias (MCNEILL, 1992). Tomasello (2008), por exemplo, propõe duas categorias para a diferenciação gestual, relacionadas à interação e à atenção compartilhada, sendo que os gestos indiciais seriam disponibilizados no direcionamento da atenção do outro, e os gestos icônicos (pantomima) seriam utilizados no direcionamento da imaginação dos outros.

Tendo em vista a hipótese de acesso lexical (*lexical retrieval hypothesis*), considera-se que os gestos facilitariam o acesso de itens lexicais (TELLIER, 2009). Com isso, eles estariam envolvidos na geração da superfície linguística (sentenças e enunciados). Então, novamente, é muito menos uma questão de que a fala e os gestos surgiriam a partir de uma base comum de significações, sendo, pois, orquestrados por

⁵ Cf. Descartes (1973).

uma estrutura psicológica comum, em vez de uma estrutura linear. Tendo-se isso em mente, observa-se que na proposta de McNeill (1992), a respeito das relações entre gesto, linguagem e pensamento, ela sustenta a ideia de que a gestualidade estaria relacionada com o planejamento conceitual de uma mensagem a ser verbalizada, sendo alguns de seus desdobramentos: (i) - os gestos desempenham um papel importante na constituição do pensamento e da linguagem; (ii) - os gestos têm um papel facilitador nos processos cognitivos.

O ato semiológico de mover as mãos, os braços e a cabeça durante a comunicação é entendido, para McNeill (1992), como gesto, que seriam essenciais na comunicação e inseparáveis da mensagem verbal (sistemas de coordenadas). Nesse sistema único, linguagem e gestos seriam expressos por meios verbais e espaciais, respectivamente. Os gestos seriam produzidos em paralelo, assumindo o planejamento da produção da linguagem. Já a pantomima seria utilizada para definir uma ação, um objeto do mundo ou uma profissão, como por exemplo, o uso do dedo indicador apontado para o próprio corpo, imitando a ação de autorreferência. Os emblemas, nesta perspectiva, seriam gestos convencionalizados pelo uso em uma cultura ou comunidade, como por exemplo, o gesto de girar o dedo indicador ao lado da orelha significando “loucura” no Brasil, ao passo que, na Argentina, seria utilizado para indicar que se fará uma ligação telefônica e na França para indicar pense, reflita. Tais gestos, deve-se salientar, seriam associados a uma expressão verbal fixa, podendo ser usados sem a fala, de modo a serem aprendidos conjuntamente com a primeira língua⁶.

McNeill (1992) propõe tão somente duas formas de expressão: *fala* e *ação*. A primeira representada pelo material linguístico e a segunda pelo material gestual, aliado a outros recursos multimodais, como a postura corporal, o conhecimento partilhado, o conhecimento de mundo, o direcionamento do olhar, a prosódia, as expressões faciais em geral, o espaço, etc. Fala e gesto, assim, ocorreriam em uma sincronia temporal muito fechada, podendo apresentar sentidos idênticos. Gestos também exibiriam imagens que não podem ser expressas pela fala, sendo que gesto e fala cooperariam no sentido de expressar as significações almejadas pelos sujeitos. McNeill, neste sentido, sente-se propensa a se colocar a favor da concepção de que a linguagem e a gestualidade formariam um sistema integrado singular, entretanto, destaca que esses

⁶ As línguas de sinais, neste viés, nada mais seriam que sistemas linguísticos, possuindo segmentação, composicionalidade, léxico, sintaxe, traços distintivos etc. E tais tipos gestuais seriam organizados em um contínuo em relação à sua ligação à fala, indo da gesticulação (presença obrigatória da fala) até a linguagem de sinais (ausência da fala).

gestos seriam diferentes daqueles construídos pelos movimentos corporais. Assim, para a autora, a ideia de *linguagem corporal* seria um sistema independente da língua.

Buscando responder à indagação acerca de como os pensamentos humanos são desvendados e apresentados pelos gestos, McNeill propõe que os movimentos espontâneos poderiam ser entendidos como gestos, geralmente, de braços e mãos, sendo sincronizados com a dinâmica da fala. A proposta de McNeill (1992) é especificar como fala e gesto estariam conectados e em que medida seriam distintos. Neste sentido, gestos seriam *instantâneos*, *imagéticos* e *globais*, tornando as memórias e os pensamentos dos sujeitos visíveis e aventando a possibilidade de um novo caminho de entendimento dos processos mentais, da linguagem e da interação entre as pessoas. Para McNeill (1992), *growth point* seria uma concepção ontológica em que os componentes da gestualidade e da língua em uso estariam relacionados e ligados numa *unidade psicológica* mínima, responsável por combinar as expressões imagéticas e linguísticas.

Segundo McNeill (1992), o gesto revela não apenas a imagem da memória do locutor, mas também do ponto de vista particular que ele tinha tomado em direção ao gesto. Em seu sistema de transcrição, o gesto seria descrito abaixo da elocução verbal, com pequenas marcações da dinâmica gestual e, como seriam coexpressivos, gesto e fala seriam parcialmente sobrepostos. McNeill (1992), a rigor, procura sistematicamente sugerir que os falantes produzem quatro tipos de gestos durante a conversação. Assim, os gestos desempenham um papel particular na narrativa, relacionados às suas funções específicas.

Em sua tipologia, McNeill (1992) distingue os seguintes tipos de gestos: (i) Gestos icônicos, que estariam estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito, por exemplo, quando uma pessoa aponta, ostensivamente, para um objeto qualquer, buscando indicar a posição espacial deste. Em um uso “inconsciente”, a preparação gestual começará antes das palavras serem proferidas. No uso intencional, haveria um pequeno lapso de tempo entre a fala e o gesto. (ii) Gestos metafóricos, que seriam parecidos em sua superfície com os gestos icônicos, entretanto, possuiriam a particularidade de se referirem a expressões abstratas. Sendo alocados no espaço tridimensional e usados para dar forma à ideia que está sendo explicada, com formas específicas como uma ondulação mais geral das mãos que simbolize a complexidade do que está sendo explicado. (iii) Gestos dêiticos, que seriam os demonstrativos ou direcionais; geralmente acompanham as palavras como “aqui”, “acolá”, “isto”, “eu” e “você”. São movimentos de apontar, tipicamente realizados com os dedos, embora

qualquer extensão de objetos (objetos manipulados) ou do corpo (cabeça, nariz, queixo) possa ser usada. Também sendo chamados, na literatura neurolinguística, de *pointings*. E, finalmente, (iiii) Gestos ritmados, que seriam assim nomeados porque aparecem como o tempo da batida musical, de modo que as mãos se movem no mesmo ritmo da pulsação da fala (MCNEILL, 1992, p. 15).

Segundo McNeill (1992), os gestos não são inferiores à língua pelo fato de também apresentarem sentidos e expressividade. Mesmo que os gestos não apresentem menos sentidos que a língua, eles possuem modalizações fundamentalmente diferentes. A língua possuiria sentido segmentado e linear que, por sua vez, formariam uma espécie de hierarquia característica de todos os sistemas linguísticos, incluindo as línguas de sinais. Tal propriedade de linearização e segmentação é justificada pelo fato de a língua ser unidimensional, enquanto que seus sentidos são multidimensionais. Já os gestos seriam distintos, na medida em que mesmo que eles sejam multidimensionais, apresentariam sentidos complexos, não se submetendo à segmentação e à linearização.

O sentido dos gestos é sempre global e sintético, e nunca hierárquico. Podendo-se observar que os sentidos dos gestos dependem dos sentidos das sentenças verbais. Segundo McNeill, os gestos não seriam significados independentes das palavras da língua, de modo que o sentido do gesto é global porque a sentença gestual não é composta externamente ou separada da significação linguística. Ademais, o gesto seria sintético, pois combinaria diferentes elementos de sentido (MCNEILL, 1992, p. 20).

4. Comentários finais

A dimensão multimodal da referenciação proposta por McNeill, pensamos, pode funcionar como organizadora da centração indicial interna ao discurso ou à interação, onde, por exemplo, os gestos dêiticos possuiriam modalizações semelhantes aos dêiticos verbais, apresentando, em vários casos, a mesma semântica, em que se pode citar o emprego de *pointings* em substituição de pronomes pessoais como “eu” e “você”, ou de demonstrativos como “aqui” e “acolá”. Segundo Kendon (2004), por exemplo, a linguagem poderia se organizar em fases e frases gestuais, apresentando a mesma sequência da estruturação propriamente linguística. A multimodalidade, assim, seria requisitada para a constituição da centração indicial de dado contexto e/ou enunciado, de modo que os dêiticos gestuais e verbais seriam responsáveis pelas incorporações de

um campo demonstrativo em certo contexto, apontando o referente ao mesmo tempo em que assinalam as perspectivas dos interactantes.

Neste sentido, a indicialidade de certo enquadre comunicativo ou da interação dependerá de outros recursos multimodais acionados pela prática social em questão, como o enquadramento comunicativo, os *frames* conceptuais e os contextos situacionais em que os gestos irão emergir. Com isso, sugerimos uma divisão tripartite da conjugação entre fala e gesto: (i) de *procedência*, onde o gesto direcionaria a interpretação antes do material verbal ou ocorreria de modo isolado; (ii) de *constitutividade*, onde o gesto veicularia o mesmo sentido, ocorrendo de modo sincronizado com a fala; (iii) de *complemento*, onde o gesto restringiria ou complementaria o sentido de um item verbal.

No que versa sobre os elementos não verbais utilizados na interação entre falantes, sugerimos que não entendemos, de forma distinta ou excludente, a gestualidade como fenômeno co-ocorrente, alternativo ou compensatório à fala. Tal hipótese não se sustentaria, pensamos, pelo fato de que o gesto não seria isolado ou separado da linguagem e suas funções, nem desprovido de realidade semiológica. Entendemos que os dêiticos gestuais participariam da construção do sentido referencial de maneira específica, não redutível à significação linguística e os recursos não verbais (semiológicos, gestuais e corporais) seriam de fundamental importância no que tange à articulação dos processos linguísticos e não linguísticos. Em suma, a gestualidade e praxia, atuariam mutuamente com os processos linguísticos na construção do sentido, na manutenção do tópico discursivo, na tomada de turno, na emergência de processos mentais, e tais aspectos assinalariam a importância dos elementos não verbais para as interações e para a compreensão da significação nos diversos contextos interativos significativos.

Referências

- DESCARTES, R. *Meditações*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 91-150. (Os Pensadores).
- GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Ass, 1986. p. 127-143.
- KENDON, A. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge; New York: Cambridge Univ. Press, 2004. 400 p.
- MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- _____. Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos – *Filosofia e Linguagem*. Campinas: Papyrus, 1990.

- McNEILL, D. *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. 416p.
- _____. (Ed.) *Language and gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In. KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31
- _____. *Participant's online analysis and multimodal practices: projecting the end of the turn and the closing of the sequence*. 2006. Disponível em: Acesso em: 28/12 de abr. 2017.
- _____. Relações entre espaço, linguagem, interação e cognição: uma perspectiva praxeológica. In. SIGNORINI, I. (Org.). *Situar a língua(gem)*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 67-90
- MORATO, E. M. *Linguagem e cognição: as reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus, 1997.
- NORRIS, S. Multiparty interaction: a multimodal perspective on relevance. *Discourse Studies*, vol. 8, n. 3, p. 401-421. Londres: SAGE, 2006. Disponível em: HYPERLINK "http://dis.sagepub.com/" Acesso em: 27/01/ 2018.
- RUTHROF, H. *The body in language*. London and New York: Cassell, 2000.
- TELLIER, M. The development of gesture. In. BOT, K. De; SCHRAUF, R. W. *Language development over the lifespan*. New York: Routledge, 2009. p. 191-216
- TOMASELLO, M. *Origins of human communication*. Boston (Mass.): MIT Press, 2008.
- VYGOTSKY, L. Thought and Speech. *Psychiatry*, II, 1, 1939.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 1996. 350 p.
- _____. Notes for lecture on "Private Experience" and "Sense Data". In: KLAGGE, J. e NORDMANN, A. (org.). *Ludwig Wittgenstein: philosophical occasions 1912-1951*. Indianapolis, Cambridge: Hackett, 1993a. P. 202-288.
- _____. The language of sense data and private experience. In: KLAGGE, J. e NORDMANN, A. (org.). *Ludwig Wittgenstein: philosophical occasions 1912-1951*. Indianapolis, Cambridge: Hackett, 1993b. P. 290-367.

Recebido em: 31/01/2018

Aprovado em: 13/07/2018